

# Atos de Escrita no Livro do Desassossego

Manuel Portela

No *Arquivo LdoD* (2017), o *Livro do Desassossego* foi transformado num texto legível computacionalmente cuja legibilidade maquínica se constitui, ela própria, como um dispositivo gerador de múltiplos atos de fala literários, isto é, de atos que nos permitem experimentar a dinâmica que institui um campo literário. Nessa medida, o *Arquivo LdoD* é uma máquina que nos oferece a possibilidade de descobirmos processos de escrita e edição cujo horizonte concetual e material é a produção da ocorrência «Livro do Desassossego», isto é, a instanciação da projetualidade autoral e da projetualidade editorial numa obra-livro. A codificação e programação do *Arquivo LdoD* integram funcionalidades de representação genética e crítica que mostram quer o processo cumulativo de escrita e revisão autoral registado nos testemunhos, quer a passagem desse arquivo de documentos a um conjunto de quatro edições, que selecionaram e organizaram interna e externamente o texto de cada um dos testemunhos (PESSOA/PRADO COELHO, 1982; PESSOA/SOBRAL CUNHA, 2008; PESSOA/ZENITH, 2012; PESSOA/PIZARRO, 2010).

A esta componente estritamente editorial e meta-editorial, o *Arquivo LdoD* acrescenta um conjunto de funcionalidades de simulação da performatividade literária, isto é, do campo de relações dinâmicas entre escrita, leitura, edição e livro, com a possibilidade de criação de edições virtuais e de escrita de variações sobre os textos (PORTELA e SILVA, 2016; PORTELA, 2016a e 2016b). Através das funcionalidades de visualização dos originais, comparação de transcrições e edições, criação de edições virtuais e, ainda, de reescrita e recombinação de texto, a meta-representação integra-se na simulação. Ao fazer do *Livro do Desassossego* um objeto legível e manipulável computacionalmente, em múltiplas escalas e a partir de diferentes posições, o *Arquivo LdoD* torna possível fazer experiências com os atos de fala literários. Neste artigo uso o *Arquivo LdoD* para interrogar especificamente os atos de escrita no *Livro do Desassossego*. Por outras palavras: que forma é possível dar à pergunta *o que é um ato de escrita* quando a pergunta é formulada através desta máquina?

## 1. Escrever e sentir

Um dos tópicos do *Livro do Desassossego* diz respeito à relação entre escrever e sentir e, em particular, à implicação da escrita nos processos de consciência do sujeito senciente. A autodescrição do ato de escrita surge no *Livro* como uma das expressões do processo de consciência, sendo tematizado por ambos os narradores – Vicente Guedes e Bernardo Soares. O *sentir-se a sentir*, que espelha a regressão infinita de um sujeito ensimesmado nas suas próprias sensações, transforma-se assim no *sentir-se a escrever*. Na cópia de uma carta para Paris dirigida

a Mário de Sá-Carneiro, datada de 14 de março de 1916, encontramos referências que nos permitem descrever a processualidade interior e exterior dos atos de escrita. Podemos distinguir três camadas nessa processualidade simbólica e material da escrita. Numa primeira camada, através de imagens evocativas poderosas, ocorre a representação de uma determinada consciência do sujeito acerca das suas emoções e sentimentos:

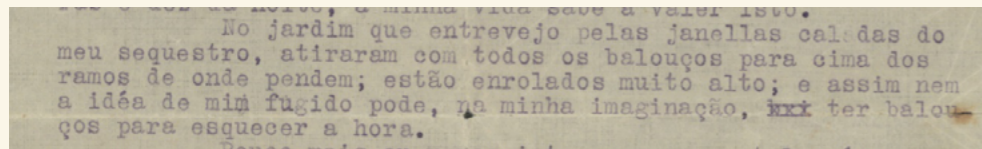


Figura 1. Fac-símile BNP/E3, 114³-35 (pormenor). Arquivo LdoD.

No jardim que entrevejo pelas janellas caladas do meu sequestro, atiraram com todos os balouços para cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a idéa de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora. (BNP/E3, 114³-35, Arquivo LdoD)

Numa segunda camada, dá-se a presentificação do momento da escrita como experiência textual da impossibilidade de interseção entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado, isto é, da impossibilidade de coincidência entre *ser eu* e *escrever eu*. A recordação do sentimento passado filtra o sentimento presente e a forma particular dessa imaginação sobreposta passado-presente na consciência atual do corpo coincide com o momento de o sujeito se escrever:

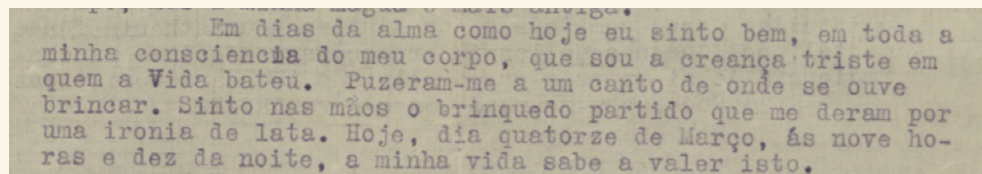


Figura 2. Fac-símile BNP/E3, 114³-35 (pormenor). Arquivo LdoD.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a minha consciencia do meu corpo, que sou a creança triste em quem a Vida bateu. Puzeram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia quatorze de Março, ás nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto. (BNP/E3, 114³-35, Arquivo LdoD)

Por último, numa terceira camada, a consciência integrada daqueles dois processos – isto é, da consciência de si e da consciência da escrita como parte da consciência de si – evidencia-se, para o escritor, como um dos conteúdos do *Livro do Desassossego*:

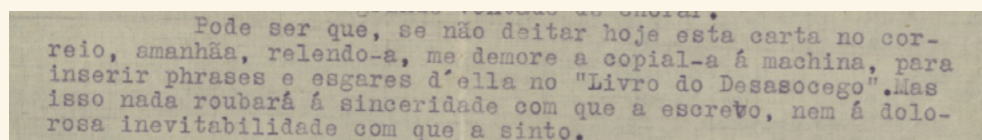


Figura 3. Fac-símile BNP/E3, 114³-35 (pormenor). Arquivo LdoD.

Pode ser que, se não deitar hoje esta carta no correio, amanhã, relendo-a, me demore a copial-a á machina, para inserir phrases e esgares d'ella no «Livro do Desasocego». Mas isso nada roubará á sinceridade com que a escrevo, nem á dolorosa inevitabilidade com que a sinto. (BNP/E3, 114³-35, Arquivo LdoD)

Uma frase como «relendo-a, me demore a copial-a á machina, para inserir phrases e esgares d'ella no “Livro do Desasocego”» indica que Pessoa trabalhou com uma conceção específica do *Livro do Desassossego* – na qual caberiam certas expressões, frases e parágrafos da carta – e, além disso, permite caracterizar também a processualidade corporal e laboral da ação de escrever. Escrever à mão, reler e copiar à máquina são parte da morfologia material e técnica do modo de produção da escrita. Por outro lado, a coimplicação paralelística entre sentir e escrever – «com que a escrevo»/ «com que a sinto» – sugere a ancoragem da significabilidade da escrita num processo de consciência que resulta do sistema de retroações entre escrita e emoção. As «phrases e esgares» a inserir eventualmente no *Livro do Desassossego* seriam expressões sinceras de emoções sentidas e não meros efeitos retroativos de emoções pós-produzidas pela escrita, ainda que o copiá-la à máquina implique, também, a distância do reconhecimento de um efeito de escrita.

O *Livro do Desassossego* poderia assim descrever-se também como um livro da consciência da escrita, isto é, um livro que perscruta os processos cognitivos, perceptivos e verbais que permitem ao sujeito sentir-se e pensar-se através da escrita. Se admitirmos, com António Damásio (2010), que a consciência autobiográfica é um processo emergente complexo que pressupõe os níveis da protoconsciência visceral, a que mantém a homeostase do organismo, e da consciência nuclear, a que mapeia as modificações do organismo na interação com objetos, poderíamos descrever o *Livro do Desassossego* como uma fenomenologia particular da emergência de complexidade a que chamamos consciência autobiográfica – não apenas de um eu que tem memória e um amplo sentimento de si, mas de um eu que emerge no processo de se escrever.

Em lugar de técnicas de imagiologia eletromagnética que permitam detetar os fluxos de oxigénio em certas áreas cerebrais, a observabilidade dos processos de produção de consciência é garantida pela escrita como sistema cognitivo expandido que externaliza nas marcas sobre o papel o sujeito a *sentir-se* e a *pensar-se*. A pronominalização reflexa seria a expressão linguística de um processo neurológico e psíquico, e o ato de escrita um intensificador da linguagem como fenómeno da consciência. A retroação que fecha o circuito neurológico e torna possível a consciência, e portanto a consciência da consciência, surge mediada e amplificada pelo processo de inscrição autográfico e pelo sistema de enunciação que, através dele, institui uma subjetividade.

O efeito de consciência – o efeito através do qual a consciência emerge enquanto consciência de si própria – toma a forma de biograficidade, isto é, de vida de um eu que se torna eu escrevendo-se e do qual a escrita é sinal e signo. Escrever o ato de escrita seria por isso uma das formas de mostrar a natureza emergente dos processos de consciência e a sua vinculação à percepção singular do sujeito que esses processos instituem.

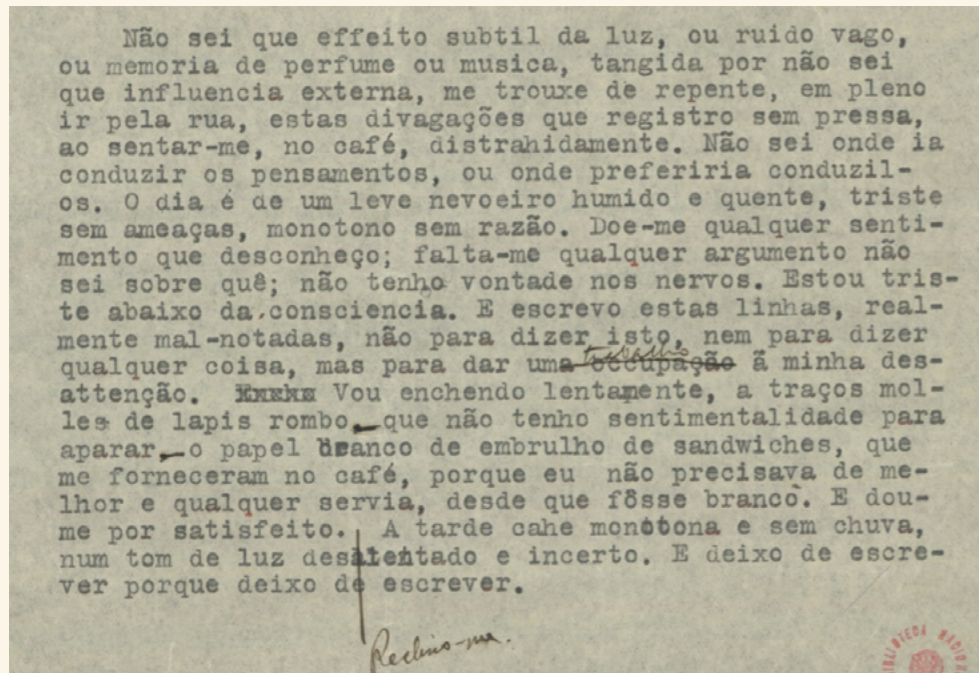


Figura 4. Fac-símile BNP/E3, 1-57 (pormenor). Arquivo LdoD.

Não sei que efeito subtil de luz, ou ruído vago, ou memória de perfume ou música, tangida por não sei que influência externa, me trouxe de repente, em pleno ir pela rua, estas divagações que registro sem pressa, ao sentar-me, no café, distraidamente. Não sei onde ia conduzir os pensamentos, ou onde preferiria conduzi-los. O dia é de um leve nevoeiro húmido e quente, triste sem ameaças, monótono sem razão. Dói-me qualquer sentimento que desconheço; falta-me qualquer argumento não sei sobre quê; não tenho vontade nos nervos. Estou triste abaixo da consciência. E escrevo estas linhas, realmente mal notadas, não para dizer isto, nem para dizer qualquer coisa, mas para dar um trabalho à minha desatenção. Vou enchendo lentamente, a traços moles de lápis rombo — que não tenho sentimentalidade para aparar —, o papel branco de embrulho de sanduíches, que me forneceram no café, porque eu não precisava de melhor e qualquer servia, desde que fosse branco. E dou-me por satisfeito. Reclino-me. A tarde cai monótona e sem chuva, num tom de luz desalentado e incerto... E deixo de escrever porque deixo de escrever. (PESSOA, 2012, pp. 102-103)

Neste parágrafo, a observação-participante acerca do ato de escrita invoca a aleatoriedade da cadeia de sensações e percepções que desencadearam a ação de escrever como um efeito da reverberação do mundo imediato na consciência. Ao mesmo tempo, a notação do trabalho da escrita descreve etnograficamente a cena da escrita – «[e] escrevo estas linhas», «para dar um trabalho à minha desatenção», «[v]ou enchendo lentamente», «a traços moles de lápis rombo», «o papel branco de embrulho de sanduíches», «que me forneceram no café». Forma particular das inscrições, disposição íntima e ritmo do corpo, instrumento e suporte da escrita, lugar físico e social onde decorre. Por último, a oscilação repetida entre o presente da observação e o presente da escrita mostra que a consciência de estar a escrever se torna num dos conteúdos principais da consciência. A frase «[e] deixo de escrever porque deixo de escrever» não é mera autodescrição que assinala o final do texto, é sobretudo a evidência do texto como registo da temporalidade de um ato presentificado de escrita que tem de se interromper, e em cuja interrupção significativa e significado parecem estar por breves instantes sincronizados.

## 2. Sinais e signos da escrita

Quando consideramos os testemunhos como atos de escrita, isto é, testemunhos de ações que criam aquilo que escrevem, surgem duas hipóteses para caracterizar o *Livro do Desassossego*. Por um lado, os testemunhos são *sinais de um ato de escrita particular*, isto é, sinais de uma duração biológica (*bio-gráfica*) de um ato concreto de escrita, que permite ao sujeito concentrar a sua atenção durante um certo período de tempo e mover a mão com a caneta ou com o lápis sobre o papel ou sobre o teclado da máquina de escrever. Os testemunhos são registos gráficos de um corpo que escreve. São provas escritas da escrita. Por outro lado, os testemunhos são *signos de atos de escrita*, isto é, representações de sensações e percepções coincidentes com o momento da escrita e que, por isso, realçam esse momento. Considerados neste duplo sentido, os textos do *Livro* seriam signos do acesso intensificado do sujeito à sua própria consciência de sujeito e sinais dos atos de escrita através dos quais esse processo se autografou.

A presença física do ato escrita, através da inscrição e da consciência da inscrição, torna-se determinante na instituição de uma lógica fragmentária na obra: de cada vez que começo a escrever, isto é, de cada vez que um sujeito ou uma voz se instanciam através da escrita, é o próprio ato de escrita enquanto sinal e enquanto signo que se inscreve sobre o papel. A presentificação de um momento de sensação e percepção que é coextensivo com o momento da escrita, isto é, a existência de um desdobramento que transforma a consciência (incluindo a

consciência da escrita) no próprio conteúdo da escrita, determinariam a materialidade linguística e documental do texto: *um conjunto limitado de parágrafos que pode ser fisicamente produzido de forma contínua* segundo os ritmos circadianos de um corpo que escreve. Este conjunto de frases e parágrafos ocupa, geralmente, uma parte de uma folha, ou uma ou duas folhas, ou uma sequência limitada de pequenas folhas, e a sua extensão corresponde, na maioria dos casos, a *um único ato de escrita*, ainda que sujeito a maiores ou menores revisões posteriores.

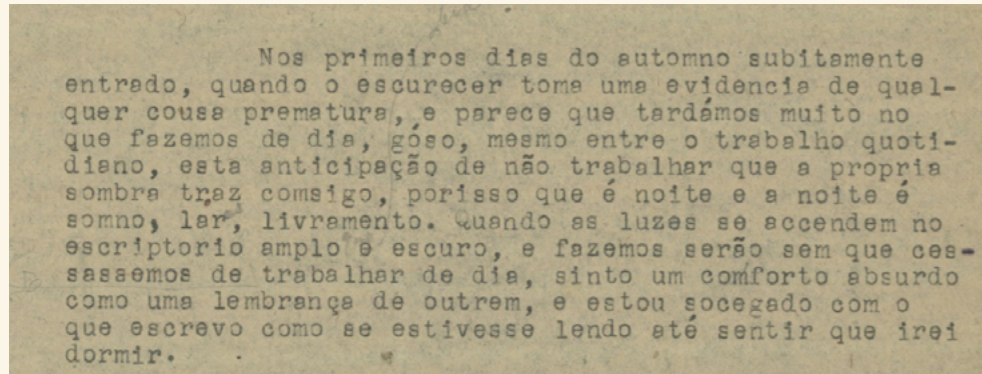


Figura 5. Fac-símile BNP/E3, 3-22r (pormenor). Arquivo LdoD.

Nos primeiros dias do outono subitamente entrado, quando o escurecer toma uma evidência de qualquer coisa prematura, e parece que tardámos muito no que fazemos de dia, gozo, mesmo entre o trabalho quotidiano, esta antecipação de não trabalhar que a própria sombra traz consigo, por isso que é noite e a noite é sono, lares, livramento. Quando as luzes se acendem no escritório amplo que deixa de ser escuro, e fazemos serão sem que cessássemos de continuar trabalhando de dia, sinto um conforto absurdo como uma lembrança de outrem, e estou sossegado com o que escrevo como se estivesse lendo até sentir que irei dormir. (PESSOA, 2012, p. 72)

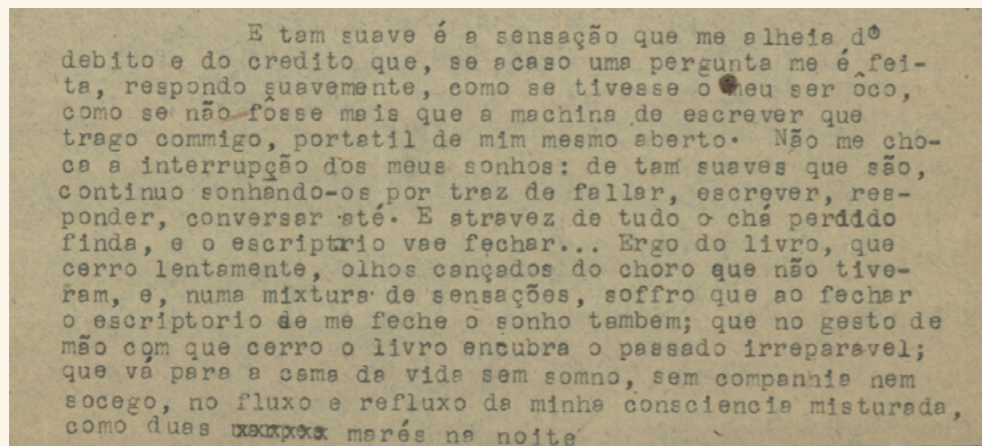


Figura 6. Fac-símile BNP/E3, 3-22r (pormenor). Arquivo LdoD.

E tão suave é a sensação que me alheia do débito e do crédito que, se acaso uma pergunta me é feita, respondo suavemente, como se tivesse o meu ser oco, como se não fosse mais que a máquina de escrever que trago comigo, portátil de mim mesmo aberto. Não me choca a interrupção dos meus sonhos: de tão suaves que são, continuo sonhando-os por trás de falar, escrever, responder, conversar até. E através de tudo o chá perdido finda, e o escritório vai fechar... Ergo do livro, que cerro lentamente, olhos cansados do choro que não tiveram, e, numa mistura de sensações, soffro que ao fechar o escritório se me feche o sonho também; que no gesto da mão com que cerro o livro encubra o passado irreparável; que vá para a cama da vida sem sono, sem companhia nem sossego, no fluxo e refluxo da minha consciência misturada, como duas marés na noite negra, no fim dos destinos da saudade e da desolação. (PESSOA, 2012, p. 72)

Nestes dois parágrafos de um texto datilografado, a saliência do presente da sensação, desencadeada pelo trabalho no escritório quando escurece mais cedo, em sobreposição com outras sensações de tranquilidade recordadas, serve para acentuar a «consciência misturada» de um eu que se observa como desprovido de ser – «como se não fosse mais que a máquina de escrever que trago comigo, portátil de mim mesmo aberto». A sensação deste «ser oco», cuja emergência enquanto sentimento de si é mera função da escrita e dos seus processos de imaginação, depende, tal como noutros textos do *Livro*, da profunda saliência da sensação do presente como conteúdo da escrita. O reverso do vazio significativo do eu-escrito seria a presença do presente do eu-que-escreve.

A natureza semiestruturada e fragmentária do *Livro do Desassossego* decorreria da presença material e biológica do ato de escrita, isto é, de uma ação do organismo com uma certa duração e etiologia, dependente da fisicalidade de um conjunto de ações corporais. De cada vez que o sujeito se dispõe a escrever, a sensação e a perceção dos objetos da escrita misturam-se com a sensação e a perceção do ato de escrever, fazendo de cada fragmento de escrita também um registo do próprio ato de escrita. A fragmentação do *Livro* resultaria deste processo sempre recomeçado de presentificar a escrita, trazendo para dentro do texto a biograficalidade que torna possível ao sujeito escrever e escrever-se: escrever o sujeito, escrever o mundo, escrever a escrita. A consciência de estar a escrever torna-se num conteúdo determinante do *Livro*, mesmo quando essa reflexividade está diluída ou dispersa noutros pensamentos ou mesmo quando a escrita se tornou num hábito quase automático e inconsciente.

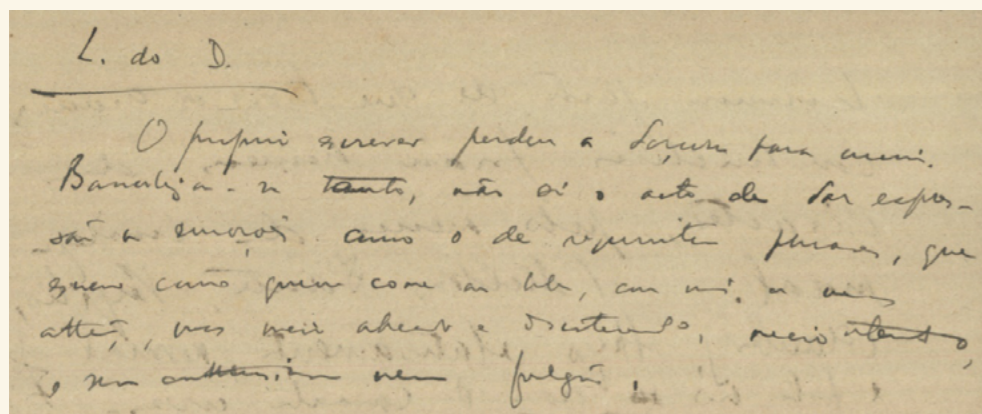


Figura 7. Fac-símile BNP/E3, 9-11 (pormenor). Arquivo LdoD.

O próprio escrever perdeu a doçura para mim. Banalizou-se tanto, não só o acto de dar expressão a emoções como o de requintar frases, que escrevo como quem come ou bebe, com mais ou menos atenção, mas meio alheado e desinteressado, meio atento, e sem entusiasmo nem fulgor. (PESSOA, 2012, p. 416)

A ação de escrever é uma ação corporal cujo ritmo circadiano o *Livro* permite observar, já que os atos de escrita que contém resistem à incorporação numa macroestrutura textual ou narrativa que apagasse completamente a sua evidência enquanto registo do ato de escrever. É como se, de cada vez que escreve, Pessoa se visse dominado pela consciência de estar a escrever e pelas condições físicas que permitem que um ato de escrita tenha apenas uma certa duração, determinada pelos limites de atenção e de esforço do corpo que escreve o momento em que escreve. Cada texto é uma reiteração e um recomeço do processo, resultando em dispersão e proliferação, quando observado no seu resultado documental, semântico e narrativo. O fragmento seria a evidência gráfica da escrita como ação biográfica, quer dizer da possibilidade de a vida se escrever através de um organismo consciente. Escrever alarga a homeostase do organismo ao sistema formado pelo seu corpo e pelas inscrições produzidas pelo seu corpo, como se a sensação de si proviesse do instrumento de escrita:

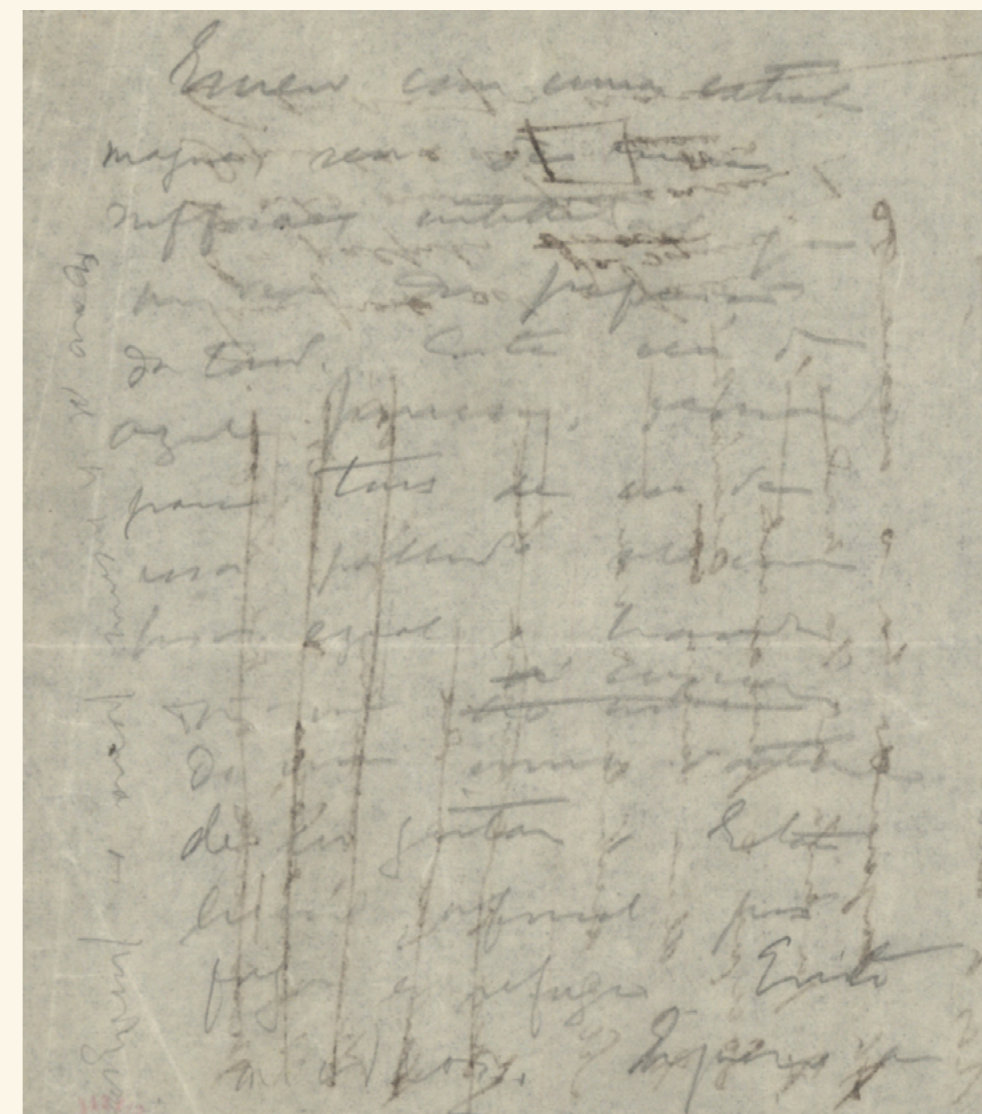


Figura 8. Fac-símile BNP/E3, 60A-22v (pormenor). Arquivo LdoD.

Escrevo com uma estranha mágoa, servo de uma sufocação intelectual, que me vem da perfeição da tarde. Este céu de azul precioso, desmaiando para tons de cor-de-rosa pálido sob uma brisa igual e branda, dá-me à consciência de mim uma vontade de eu gritar. Estou escrevendo, afinal, por fuga e refúgio. Evito as ideias. Esqueço as expressões exactas, e elas brilham-se-me no acto físico de escrever, como se a mesma pena as produzisse. (PESSOA, 2012, p. 64)

A descrição referencial do mundo exterior («perfeição da tarde», «céu de azul precioso», etc.) é dada através da sensação da sua percepção, aproximando-a da sensação da própria subjectividade – um (mundo) e outra (sensação do mundo) sempre coados pelo filtro da consciência («consciência de mim»). A exatidão das expressões parece assim ter sido produzida pela pura exterioridade do ato de escrita, revelando o ato de escrever como um elemento do sistema cognitivo expandido (VAN HULLE, 2014) que suplementa os processos de retroação a partir dos quais emerge a consciência senciente: «Esqueço as expressões exactas, e

elas brilham-se-me no acto físico de escrever, como se a mesma pena as produzisse.» É esta presença poderosa do ato físico de escrever e das imagens milimétricas, produzidas de fora para dentro, que permitem perceber os atos de escrita no *Livro* como um modelo dos processos de consciência.

Na medida em que cada momento de escrita é a iteração deste processo, isto é, de um ato físico de escrita que se regista a si próprio no acontecer autográfico da sua enunciação, o *Livro do Desassossego* seria uma coleção de atos de escrita, definíveis pela sua ação enquanto escrita ensimesmada no seu próprio presente. Por isso, a presentificação da sensação que acompanha o ato de escrita se torna tão frequente: a coincidência da sensação com a consciência da sensação e de ambas com a ação de escrever encenam o próprio ato de escrita como manifestação fenomenológica da consciência. Tornam assim observável e sentível, através da escrita, a retroação que me permite ver, sentir, pensar e escrever em segundo grau, isto é, ver-me a ver-me, sentir-me a sentir-me, pensar-me a pensar-me, escrever-me a escrever-me.

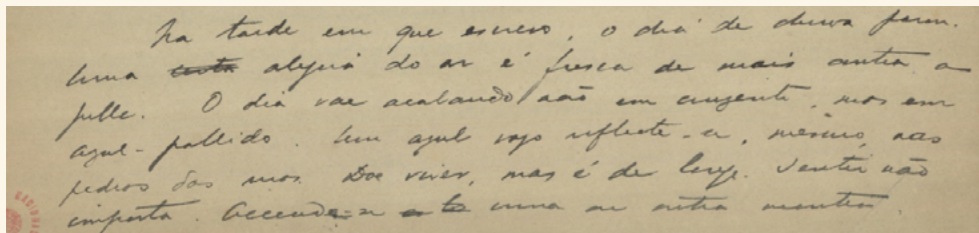


Figura 9. Fac-símile BNP/E3, 2-20 (pormenor). Arquivo LdoD.

Na tarde em que escrevo, o dia de chuva parou. Uma alegria do ar é fresca de mais contra a pele. O dia vai acabando não em cinzento, mas em azul-pálido. Um azul vago reflecte-se, mesmo, nas pedras das ruas. Dói viver, mas é de longe. Sentir não importa. Acende-se uma ou outra montra. Em uma outra janela alta há gente que vê acabarem o trabalho. O mendigo que roça por mim pasmaria, se me conhecesse. (PESSOA, 2012, p. 202)

### 3. Atos de escrita no Arquivo LdoD

Peter L. Shillingsburg (2006) propôs uma teoria geral dos atos de escrita [«script acts»] nos processos de transmissão textual para sublinhar a singularidade de cada instanciação de uma obra, seja nas suas versões autorais seja nas suas versões editoriais. Qualquer instanciação material de uma obra pressupõe uma cadeia de atos de escrita que configuram a historicidade particular da sua forma à medida que é produzida e reproduzida ao longo do tempo. Por outras palavras: cada forma textual seria um testemunho de um conjunto de atos de escrita específicos, «each leaving its record in manuscripts, proofs, books, revisions, reprintings, and translations» (50). Sob este ponto de vista teórico, o *Arquivo LdoD* po-

deria descrever-se como uma meta-representação de dois tipos de atos de escrita: atos de escrita autorais, como os que foram descritos nas duas secções anteriores; e atos de escrita editoriais, isto é, as intervenções editoriais particulares que estão registadas em quatro das edições da obra. Além disso, às intervenções de transcrição, seleção e organização realizadas pelos editores sobre os atos de escrita registados nos testemunhos autorais, haveria ainda a acrescentar os atos de composição e paginação que originaram as formas impressas do livro nas suas várias edições. É este sistema múltiplo de inscrições que permite instanciar a obra num texto e num livro específicos.

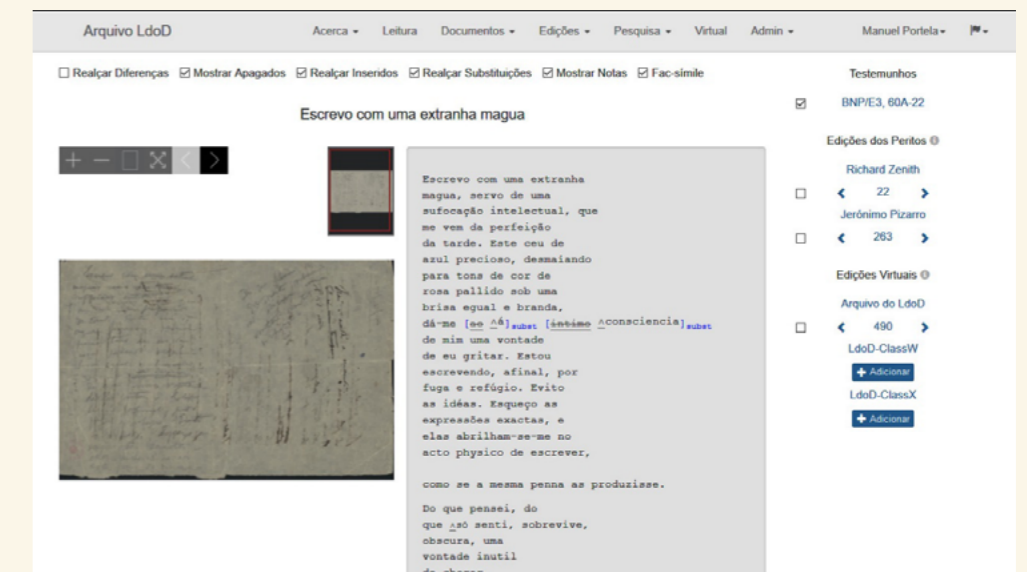


Figura 10. Arquivo LdoD: interface de visualização e comparação edições.

Ao colocar no mesmo plano comparativo os fac-símiles dos testemunhos autorais, novas transcrições desses documentos e transcrições de quatro versões editoriais dos documentos, o *Arquivo LdoD* torna possível observar o modo como cada uma delas reinscreve o arquivo autoral. Deste modo, as novas transcrições e as quatro edições são consideradas no *Arquivo LdoD* enquanto modos de produção do *Livro do Desassossego* – atos de escrita no sentido proposto por Shillingsburg –, isto é, versões textuais que rematerializam uma determinada ideia da obra. O menu de comparação de transcrições permite relacionar os dois planos de produção textual – o plano autoral e o plano editorial – quer a nível microtextual, isto é, na granularidade das variações internas a cada unidade textual, quer a nível macrotextual, ou seja, na divisão e posição relativa de cada unidade textual no conjunto do *Livro*. A interpretação pelos editores dos processos de escrita ou de reescrita autoral – por exemplo, nos casos em que há vários testemunhos atribuíveis a uma mesma sequência, ou quando alguns desses testemunhos são versões parcialmente idênticas de um mesmo texto – torna-se observável através da meta-representação da seleção e organização editorial, revelando a performatividade do processo editorial enquanto modo específico de reinscrição de um ato de escrita anterior.

Quando formulada através do *Arquivo LdoD*, a pergunta *o que é um ato de escrita no Livro do Desassossego* teria três respostas distintas, mas correlacionáveis. A primeira resposta: um ato de escrita é uma inscrição que se autodocumenta e de que os fac-símiles digitais constituem uma representação. A componente genética do *Arquivo LdoD* procura modelar a topografia e a temporalidade dessas inscrições através de uma transcrição que re-representa os testemunhos (cancelados, substituídos, acrescentados, variantes, etc.). A segunda resposta: um ato de escrita, entendido como uma certa duração de um processo contínuo e ininterrupto de escrita, é uma das unidades compositivas do *Livro do Desassossego*. Na medida em que a consciência de estar a escrever se constitui narrativamente enquanto manifestação da consciência senciente (tematizada em diversos textos do *Livro do Desassossego*), e na medida em que muitos textos tentam presentificar o conteúdo percetual da consciência no momento de escrita, cada ato de escrita é condicionado pelo recomeço e iteração deste processo mais do que pela continuação narrativa do conteúdo de textos anteriores. A aparente fragmentação do conjunto dos textos regista a processualidade dos atos de escrita como conteúdo da escrita. A terceira resposta: um ato de escrita, na aceção alargada referida acima, é a intervenção particular que, em cada edição, resulta numa determinada transcrição e sequenciação de textos.

Assim, é a processualidade do ato de escrita como evidência autográfica e introspectiva dos processos de consciência que os testemunhos autodocumentam *também na sua forma material e textual específica*: um conjunto grande de folhas soltas contendo sequências de parágrafos que formam textos com um grau significativo de modularidade, ainda que vários núcleos, escritos em momentos diversos, sejam semanticamente solidários entre si e obedeçam a grafotropias diferentes. O amplo espaço de intervenção na edição e reedição do texto da obra depende daquelas características documentais e textuais, que tornam possível continuar a constelar os textos em redes de relações variáveis e apenas semi-determináveis. De certo modo, a semi-heteronimidade de Bernardo Soares seria uma outra figuração da *escrita em ato*: no intervalo oco da linguagem, o ser de Bernardo Soares mantém um vínculo com o sistema percetual e sensorial do organismo que o escreve e cujo sentir-se a escrever é dado pela presentificação da consciência enquanto escrita. Como se, nessa semi-heteronimização, a distância entre ser e enunciar pudesse ser atravessada, momento a momento, através da reiteração circadiana e corporal de atos de escrita.

## Referências bibliográficas

---

DAMÁSIO, António. *Self Comes to Mind: Constructing the Conscious Brain*. Nova Iorque: Pantheon Books, 2010.

---

PESSOA, Fernando.

---

\_\_\_\_\_. *Livro do Desasocego*. Ed. Jerónimo Pizarro. *Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, Vol. XII* (Tomos I e II). Lisboa: IN-CM, 2010.

---

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Pref. e org. Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática [2 vols.], 1982.

---

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego por Vicente Guedes, Bernardo Soares*. Leitura, fixação de inéditos, organização e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.

---

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Ed. Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

---

PORTELA, Manuel, e António Rito Silva (orgs). *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2017. URL: <https://ldod.uc.pt/>

---

PORTELA, Manuel, e António Rito Silva. «Fernando Pessoa's *Book of Disquiet* as a Dynamic Digital Archive.» *Edizioni Critiche Digitali: Edizioni a confronto/ Digital Critical Editions: Comparing Editions*. Eds. Paola Italia and Claudia Bonsi. Roma: Sapienza Università Editrice, 2016, pp. 37-50.

---

PORTELA, Manuel.

---

\_\_\_\_\_. «Writing the Archive: An Experiment in Literary Self-Consciousness.» *Gamma: Journal of Theory and Criticism*. 23 (2016a): pp. 15-32.

---

\_\_\_\_\_. «A Simulação da Performatividade Literária no Arquivo LdoD.» *Cultura e Digital em Portugal*. Orgs. José Luís Garcia, João Teixeira Lopes e Teresa Duarte Martinho. Porto: Afrontamento, 2016b, pp. 89-101.

---

SHILLINGSBURG, Peter L. *From Gutenberg to Google: Electronic Representations of Literary Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

---

VAN HULLE, Dirk. *Modern Manuscripts: The Extended Mind and Creative Undoing from Darwin to Beckett and Beyond*. Londres: Bloomsbury Academic, 2014.